

ENTRE ÁRVORES, RIACHOS E ANIMAIS: O ESPAÇO CARTOGRAFADO PELAS CRIANÇAS GUARANI

Denise Wildner Theves¹
Paulo Henrique Teixeira Machado²

RESUMO

O texto aborda momentos de leitura e representação espacial propostos para alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando compreender as representações espaciais realizadas pelas crianças a partir de um projeto de trabalho desenvolvido. O trabalho relatado foi proposto junto com o professor estagiário durante a realização do Estágio Supervisionado de Docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental, integrante do III Ciclo de Estudos Interdisciplinares do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter/POA-RS). O estágio foi desenvolvido durante uma semana, no mês de junho de 2015. As reflexões apresentadas são decorrentes dessa proposta, na qual as crianças são as produtoras dos seus mapas a partir de suas territorialidades, em situações vivenciadas com a utilização da Cartografia inserida em um projeto de trabalho que teve como título “Aprendendo com os animais: o tucano, o macaco e a onça”. A atividade foi desenvolvida em uma classe de alfabetização dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola indígena de uma comunidade Mbyá Guarani, localizada no município de Viamão, RS. O trabalho foi proposto a partir do espaço percorrido e explorado pelas crianças dessa comunidade indígena. Durante a interação com as crianças, foram feitos questionamentos sobre as suas leituras e observados seus trabalhos de representação espacial, buscando compreender os sentidos atribuídos a esses movimentos e os registros feitos por essas crianças. E com elas refletir sobre possibilidades de trabalho com a Cartografia **com** as crianças.

Palavras-chave - Vivências das crianças; Cultura; Cartografia.

1. Introdução

As crianças têm um jeito próprio de representar as suas vivências nas relações que estabelecem com o espaço. Os mapas feitos por elas revelam traços do seu pensamento, expressando o que elas vêem, sentem, vivenciam, aprendem e também elementos do seu imaginário, aspectos esses imbricados pelas marcas do seu contexto cultural e social.

¹ Professora no Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER), Porto Alegre (RS). Professora de Geografia no Ensino Fundamental do Colégio Evangélico Alberto Torres (CEAT), Lajeado (RS). Doutoranda em ensino de Geografia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: denisetheves@gmail.com

² Professor no Ensino Fundamental em Porto Alegre (RS). E-mail: paulohenriquetm@gmail.com

Mapear vivências em momentos de interação com situações do cotidiano indica que as crianças gostam e encantam-se com os mapas, os quais representam um meio de comunicar-se e registrar suas experiências com o espaço.

Nesse sentido, o desafio que se coloca é o de propor situações para a leitura e a representação do espaço em classes de alfabetização, na perspectiva de estabelecer uma relação dialógica mais intensa e curiosa com os saberes das crianças, buscando implementar propostas de trabalho a partir da leitura do mundo da vida com a Geografia.

O trabalho foi desenvolvido a partir do espaço percorrido e explorado pelas crianças dessa comunidade indígena. Durante as interações com as crianças, foram propostos questionamentos sobre as suas leituras e observados seus trabalhos de representação espacial, buscando compreender os sentidos atribuídos a esses movimentos e os registros feitos por essas crianças.

O intuito foi o de ampliar as reflexões da Cartografia para as crianças, partindo de uma Cartografia com as crianças³. Foram propostos momentos de interação, reflexão e atividades nos quais as crianças expressaram e representaram graficamente as maneiras como acontecem as suas apropriações no espaço vivido. Esses movimentos também podem ser compreendidos nas suas falas, transcritas do diário de pesquisa.

Nas representações gráficas feitas pelas crianças através de desenhos, chamadas aqui de mapas, não houve preocupação com a perspectiva ou qualquer convenção cartográfica, além disso, as crianças representaram elementos reais ou imaginários. Assim, apesar de denominadas como mapa, a sua execução não seguiu os parâmetros propostos pelas técnicas da ciência cartográfica formal.

Conversando sobre seus mapas, ouvindo o que as crianças têm a dizer durante os momentos em que foram propostas as atividades, observando-as em sua interação com as atividades, foram feitas anotações e registros no diário de pesquisa, utilizando diferentes linguagens. Na busca pela compreensão e ampliação das reflexões sobre o processo de

³ Expressão utilizada por LOPES e VASCONCELLOS(2005) e referenciada como um “modo de identificar as crianças como sujeitos criadores do processo de aprendizagem, e não apenas receptores do trabalho cartográfico.” (LOPES; MELLO; BOGOSSIAN, 2013, p.70)

alfabetização cartográfica das crianças, os registros feitos e os mapas elaborados foram analisados a partir de pressupostos teóricos da educação e da ciência geográfica.

2. Metodologia - “Guarani guarda as coisas na memória e não somente no papel”

O trabalho relatado a seguir foi proposto junto com o professor estagiário durante a realização do Estágio Supervisionado de Docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental, integrante do III Ciclo de Estudos Interdisciplinares do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter/POA-RS). O estágio foi desenvolvido durante uma semana, no mês de junho de 2015, na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental que está localizada dentro de uma comunidade indígena⁴ da etnia Guarani Mbyá⁵, na divisa dos municípios de Viamão e Porto Alegre (RS).

A turma na qual se desenvolveu essa prática é multisseriada, constituída por crianças de primeiro e segundo anos, simultaneamente, que estudam no turno da tarde. Ela é composta por doze alunos, sendo oito meninas e quatro meninos. As crianças possuem idades entre cinco e nove anos⁶.

2.1 Projeto: Aprendendo com os animais: o tucano, o macaco e a onça

Para desencadear o tema de estudo do projeto, foram sendo contadas histórias. Aquelas que envolviam animais provocaram muito envolvimento e curiosidade por parte da turma. Durante a contação dessas histórias, as crianças foram citando os nomes dos animais

⁴ Nessa comunidade vivem vinte e duas famílias, tendo uma população aproximada de cento e cinquenta e sete pessoas. A área da aldeia é de duzentos e oitenta e seis hectares, cercada por uma cadeia de morros e diversas nascentes de rios e de áreas de Mata Atlântica. (Dados obtidos em entrevista com o cacique da aldeia).

⁵ O povo guarani do Brasil possui três subdivisões: os Mbyá, os Nhandeva e os Kaiowá. Apresentam variações linguísticas e no modo de viver, como na organização social, econômica e religiosa. O Povo Guarani Mbyá fala a língua guarani, a qual provém do tronco linguístico tupi e da família tupi-guarani.

⁶ A frequência dos alunos às aulas não é feita regularmente pois é respeitado o seu direito de desenvolver o hábito de ficar dentro da sala de aula, assim pode-se dizer que há uma inconstância nos integrantes da turma. Algumas crianças apresentam assiduidade em praticamente todas as aulas, enquanto outras frequentam a escola quando sentem vontade.

que as histórias abordavam, utilizando nomes na língua guarani. A professora intérprete⁷ fazia a tradução destes nomes para a língua portuguesa.

Em uma roda de conversa, através de votação, as crianças decidiram quais seriam os animais que estudaríamos. Assim, foram escolhidos aqueles que seriam abordados durante o desenvolvimento do projeto: o tucano, o macaco e a onça. A partir da escolha dos animais e o estudo de suas características e modos de vida, foram planejadas atividades envolvendo: leitura e escrita, brincadeiras, jogos, desenhos, atividades com numeração.

No seu relatório escrito, o professor-estagiário destaca:

[...] o projeto se encaminhava para algo que está ligado à realidade dessas crianças, pois os bichos dentro da cultura guarani têm significados, trazem mensagens, além de serem considerados como parentes dos seres humanos [...] (MACHADO, 2015, p. 22)

Ficou evidenciada a importância de o currículo escolar estabelecer diálogos com o cotidiano dessas crianças, aspecto fundamental para oportunizar aprendizagens significativas. Os alunos foram considerados agentes sociais nos seus processos de aprendizagem, o que pressupõe compreendê-los a partir de suas perspectivas de mundo, sua cultura e seus olhares. Destaco aqui uma das propostas desenvolvidas durante o trabalho do professor estagiário na perspectiva de trabalho com Geografia, tendo como ênfase a leitura e a representação do espaço vivido na perspectiva dessas crianças.

3. Resultados e Análise - Vivenciando os lugares da aldeia: mapeando percursos, sentimentos e a cultura

Para registrar os momentos vivenciados, fez-se necessário um mergulho no universo cultural dessas crianças, em busca de suas relações próprias, seus conhecimentos construídos, suas rotinas cotidianas e suas leituras de mundo. Impossível deixar de envolver-se por este contexto cercado por simbologias próprias e mergulhar, mesmo que de maneira branda pelo pouco, mas intenso, tempo vivido nesta cultura e poder experimentar essa experiência.

⁷ Além da professora que desenvolve os conteúdos em língua portuguesa - designada de Juruá pelos indígenas -, a turma de alunos tem uma professora alfabetizadora que se comunica com as crianças na língua guarani. Trata-se de uma professora indígena que mora na aldeia e também realiza a função de intérprete, pois muitas crianças não se comunicam utilizando a língua portuguesa.

Busco, com o relato que segue, ser verdadeira e leal ao que vi, ouvi e senti na experiência vivenciada com as crianças no trajeto realizado com as crianças pela aldeia.

18 de junho de 2015 – Estamos no outono, mas o frio é intenso!

A tarde de quinta-feira estava nublada. O deslocamento foi feito de carro e demoramos cerca de uma hora para chegar até a aldeia. A semana tinha sido chuvosa e o terreno estava muito úmido. Somado à umidade, o frio, cuja sensação era intensificada pelo vento.

Junto com o professor estagiário percorri a aldeia até chegar à escola, onde fomos recebidos por pessoas da tribo, a diretora e a professora guarani.

O professor estagiário nos apresentou às crianças da turma e com elas cantou músicas trabalhadas em outros dias da semana. Depois desse momento de envolvimento intenso, cada criança apresentou-se dizendo o seu nome em português e em guarani. Algumas crianças pareciam envergonhadas, outras aproximavam-se como se já me conhecessem. O professor estagiário anunciou às crianças que faríamos uma atividade diferente e que eu faria a explicação da mesma. Assim, falei-lhes que não conhecia a aldeia e gostaria muito que me levassem para percorrê-la, mas que gostaria de conhecer aqueles lugares que eram especiais para eles. Falei que no retorno faríamos desenhos mostrando esses trajetos, pois eu gostaria de levar o registro desse percurso comigo. A professora guarani traduziu minhas falas para a língua do grupo, pois segundo ela, nem todas as crianças compreenderiam o que eu estava explicando.

pés descalços e o frio não parecia interferir na atividade.

Ao longo do percurso, íamos parando e realizando conversas sobre o que havia naquele local e o que as crianças consideravam interessante no mesmo. Em todos os momentos, a professora guarani realizava a tradução das nossas falas, bem como a das crianças.

Na plantação de mandioca, contaram como a plantação era feita e como acontecia o preparo da plantação e qual a utilidade da produção colhida. Depois da plantação, mostraram uma árvore muito grande e exuberante, que para eles indicava o caminho a seguir no trajeto que estavam indicando.

O percurso foi interrompido em um local em que havia uma pequena casa construída com madeira, barro, sem portas nem janelas e coberta com palha e ao lado dela, uma cabana coberta de palha e sem paredes. Todas as crianças pararam neste lugar e realizaram movimentos com o corpo como se estivessem dançando. Questionei o que faziam neste lugar, as crianças responderam em guarani e a professora intérprete traduziu.

Crianças - Fazemos o que os adultos fazem!

Prof. - O que eles fazem?

Crianças – Cantam, dançam e fazem festas.

Prof. – E vocês o que fazem nestes momentos?

Crianças – Olhamos e brincamos.

As perguntas feitas são interrompidas pelo deslocamento das crianças pela cabana sem paredes. Conversam em guarani entre si. Brincam e riem muito. A diversão contagia a nós adultos!

Quando me desloco até a casa com paredes, várias crianças param suas brincadeiras e ficam observando.

Alguns só entram na casa quando os chamo e outros ficam apenas olhando, do lado de fora dessa casa.

Questiono o que fazem na casa e dizem que nela tem cobras, segundo a tradução da professora.

Retornamos à cabana sem paredes e o professor estagiário propõe brincadeiras de fazer mímicas imitando os animais, solicitando que os colegas tentem adivinhar qual é o animal. Todas as crianças participam e dizem os nomes em guarani e depois em português. Participam intensamente desse movimento.

Convidei as crianças para continuarmos o percurso e, depois de adentrar na mata, elas nos conduziram até um riacho, que pela chuva da semana, estava com muita água. Propus que voltássemos, pois pela quantidade de água que havia no riacho, seria mais difícil atravessá-lo.

As crianças nos conduzem por um trecho do caminho realizado no trajeto da vinda, mas em certo ponto, percorrem outra direção e o do trajeto que nos leva até outra parte do percurso do mesmo riacho anterior, porém neste ponto a água é mais rasa e o terreno é menos íngreme. Todas elas entram no riacho. Algumas arregaçam suas calças para

De volta à sala de aula, foi proposto às crianças que mostrassem o trajeto percorrido representando o que vivenciaram e sentiram, destacando que isso seria um mapa. Nenhum questionamento foi feito por parte das crianças e o momento passa a ser de entrega plena ao trabalho de representação da vivência realizada, utilizando desenhos. Algumas crianças chamam e mostram o que estão fazendo, ora para o professor estagiário, ora para mim e para a professora intérprete, que circulamos pela sala.

Em seus mapas, representam aspectos relevantes do trajeto, como uma árvore muito grande, a casa de barro e a cabana onde ocorreram as brincadeiras, os trechos onde havia água acumulada e os animais observados durante o caminho. Foram representados animais que não vimos fisicamente, mas que provavelmente estavam presentes em seu imaginário e, também, em seu universo simbólico. Sobre a relação dos guaranis com os animais Christidis e Poty, indicam:

Cada ser da mata possui sua própria história, a sua própria linguagem e a sua função na natureza. No início dos tempos os animais eram pessoas como a gente. No princípio do seu ser, eles foram as primeiras pessoas. Os animais vêm conviver conosco como se fossem nossos parentes. (2015, p. 41)

Os desenhos das crianças guarani, reproduzidos a seguir, também deixaram esse fato evidenciado.

Figura 1 – Desenho de Fa



Fonte: Diário de Pesquisa (2015)

Figura 2 – Desenho de Vi



Fonte: Diário de Pesquisa (2015)

Imersas em seu mundo, as crianças representam suas experiências com a vida e os momentos de vivências na interação cotidiana com o espaço e os grupos da aldeia. Os vestígios de sua cultura ficaram evidenciados e expressos nos seus mapas, ao que Castellar e Vilhena destacam: “a leitura e a escrita que o aluno faz da paisagem estão, sem dúvida, carregados de fatores culturais, psicológicos e ideológicos” (2010, p. 24). Também se constatou que a leitura e a representação do lugar ultrapassam uma mera técnica cartográfica e, portanto, expressam aspectos mais complexos que os visíveis.

Os mapas dessas crianças expressam, além de suas vivências, as manifestações culturais que são materializadas no espaço, sugerindo o que ressaltam Lopes, Mello e Bogossian: “é preciso considerar que não só a dimensão espacial está em jogo quando falamos do espaço, mas antes a dimensão espacial é intimamente relacionada a muitas outras, como a temporalidade e a linguagem” (2013, p. 75), aspectos atravessados pela cultura. Essa premissa também é destacada pelo professor estagiário em seu relatório, quando registrou aspectos da entrevista com o diretor pedagógico da escola.

É importante ler e escrever em português, pois ajuda na relação com a cultura dos que não são indígenas. Isso não faz deixar para trás a cultura do guarani. Por isso cada mãe e cada pai continuam ensinando, em casa. As crianças, a partir da observação, futuramente poderão realizar as mesmas tarefas que fazemos, mantendo a nossa cultura. As práticas são a base da educação e é no fazer diário que se forma a escola guarani. Assim vamos construindo conhecimentos, nos apropriando da escrita com a educação dos “brancos” que não nasceu no interior da aldeia, mas aqui adquire significado próprio. A fala e a memória não vão se perder. Guarani guarda as coisas na memória e não somente no papel. (MACHADO, 2015, p. 6)

A fala e a memória não se perderam nos mapas das crianças guarani e as coisas guardadas na memória foram representadas através da linguagem gráfica. Os elementos reais e imaginários estiveram presentes, ambos carregados de sentidos e significados próprios, a partir das experiências vivenciadas no dia dessa prática e em outros tantos momentos do cotidiano da aldeia.

4. Conclusões - Para guardar as coisas dos lugares na memória e no papel podemos fazer e ler mapas!

Ouvir os alunos e levar em consideração suas falas nas atividades de representação espacial teve como objetivo conhecer as vivências espaciais e as territorialidades destes grupos de crianças. A partir delas, buscou-se refletir sobre possibilidades de trabalho com a Cartografia como uma linguagem que traduz o cotidiano de crianças de diferentes grupos sociais e culturais. Assim, buscou-se uma aproximação da vivência espacial das crianças a partir de seus pontos de vista, bem como suas percepções e representações espaciais. Com isso, pretendeu-se contribuir na construção de outros olhares sobre as interações com o espaço vivido e sobre a representação gráfica com desenhos, elaborando mapas.

As concepções que as crianças possuem sobre o espaço e sua representação podem ser meios para potencializar a ampliação do repertório de conhecimentos sobre o espaço vivido, sendo, para isso, fundamental o olhar e a escuta atentos do professor, bem como propostas que desafiem os alunos a refletir, construindo conhecimentos sobre o espaço e sua representação. O espaço é o objeto de estudo da Geografia e os mapas são essenciais no estudo do espaço, sendo considerados ferramentas de trabalho na construção dos conhecimentos sobre a espacialidade e a sua leitura.

A partir da especificidade do processo de alfabetização característico do trabalho nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a Geografia pode ser um componente curricular significativo nesse processo de alfabetização na medida em que pressupõe e estabelece a mediação com a leitura do mundo, através do espaço e das representações desse espaço feita nos mapas. Para isso, é fundamental ter-se clareza do que se pretende e de quais concepções teórico-metodológicas alicerçam o trabalho, bem como desejo de reaprender a enxergar o espaço com os olhos das crianças.

O olhar atento e curioso, a busca pelas hipóteses das crianças, os questionamentos que provocam momentos de reflexão e desafios nas propostas feitas pelo professor junto às crianças, indicam importantes meios de desencadear experiências de encontro e tempo-espaço para aprender. Afinal, ensinar Geografia é um ato com intencionalidade e necessita de conhecimentos específicos que transcendam o aspecto lúdico; além disso, requerer saberes sobre as experiências das crianças, reconhecendo-as como ponto de partida nesse processo.

Acredito na necessidade de refletir com as dinâmicas sócio-espaciais dos sujeitos envolvidos, neste caso, as crianças. Para isso, é fundamental compreender essas dinâmicas a partir das perspectivas de mundo destas crianças, de seus olhares, seus sentimentos e da cultura em que estão inseridos. Por isso, faz-se necessário o mergulho em seu universo social e cultural em busca de suas relações próprias, seus conhecimentos construídos, suas rotinas, suas leituras e representações de mundo e também oportunidades de experiências significativas na busca pela ampliação do seu repertório de conhecimentos e vivências.

REFERÊNCIAS

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Gerusa. *Ensino de Geografia*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CHRISTIDIS, Danilo; POTY, Vherá. *Os Guarani-Mbyá*. Porto Alegre: Wences Design Criativo, 2015.

LOPES Jader J.; VASCONCELOS, Tânia de. *Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa*. Juiz de Fora: FEME, 2005.

_____; MELLO, Marisol B. de; BOGOSIAN, Thiago. (Org.). Por uma cartografia com crianças: a Geografia nas creches e na Educação Infantil. In: *(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisa e experiências formativas*. PR: CRV, 2013.

MACHADO, Paulo Henrique Teixeira. Projeto de Trabalho: “Aprendendo com os animais: tucano, macaco e a onça.” 2015. 45 f. *Trabalho Acadêmico Interdisciplinar V*. Curso de Pedagogia, Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter), Porto Alegre, 2015.